

O MAL, A INCREDELIDADE, AS REAÇÕES¹

THE EVIL, THE INCREDULITY, THE REACTIONS

Sofia Débora Levy
Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Bolsista PNPd-CAPES
sofiadebora@hotmail.com

Francisco Ramos de Farias
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Bolsista de produtividade em pesquisa 2 CAPES
frfarias@uol.com.br

Resumo: A incredulidade na maldade perpetrada pelo homem para com seu semelhante, tal como aconteceu no Holocausto, é utilizada com propósitos negacionistas, com efeito retraumatizante nas vítimas. A alternativa apresentada por sobreviventes é a superação das suas dificuldades de nominar os traumas vividos como meio de combate a essas distorções de suas realidades, a fim de conclamar o mundo ao não esquecimento e ao respeito à história vivenciada por aqueles que sobreviveram e pelos que pereceram.

Palavras-chave: Holocausto. Negacionismo. Incredulidade.

Abstract: The incredulity regarding the evil committed by men to their equals, as it happened during the Holocaust, is used for negacionists' purposes, with retraumatizing effect on the victims. The alternative presented by the survivors is to overcome their difficulties in nominating the traumas experienced as a way to contend against the distortions of their realities, in order to urge the world not to forget, and to respect the history lived by those who survived and by those who perished.

Keywords: Holocaust. Negacionism. Incredulity

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

Lembrar. Não esquecer. Testemunhar. Honrar os mortos. Assim o Prêmio Nobel da Paz Elie Wiesel, judeu romeno que escreveu mais de cinquenta livros com o intuito de transmitir sua experiência, entendeu o seu dever como sobrevivente do Holocausto. Reconhece a dificuldade inerente a quem busca nominar a perversidade vivida nos campos de concentração. Mas entende a importância de levar as pessoas a encarar essa dimensão da história, e da realidade da conduta humana tal como perpetrada pelos algozes que, sabedores de sua malignidade no trato inter-humano, investiam na incredulidade dessas narrativas e no esquecimento de seus feitos com o passar dos anos (WIESEL, 1984).

Hoje, revisionistas e negacionistas, simpatizantes dos algozes nazistas, repetem seus investimentos com a deturpação e na negação da história do Holocausto. Segundo Faingold (2011), os negacionistas preferem utilizar o termo revisionismo para uma descrição de seus pontos de vista devido à diferença de rigor metodológico: as metodologias dos negacionistas baseiam-se em conclusões pré-determinadas que ignoram evidências históricas; já as metodologias dos revisionistas são reconhecidas academicamente. Muitas vezes, no senso comum, revisionismo e negacionismo são conceitos usados indiscriminadamente, sendo o segundo entendido como um tipo de revisionismo extremado, pela negação total da existência dos fatos ocorridos e registrados pela História.

Entendemos o negacionismo como uma forma de violência na qual pelo silêncio, indiferença, com deturpação dos fatos, a história de uma coletividade ou de um indivíduo é desconsiderada e tratada como se não existisse. Trata-se de uma anulação existencial. Suas consequências impactam a estruturação psicológica global do indivíduo ou grupo em questão pela descontinuidade decorrente da não confirmação da vivência pelo outro. Essas consequências afetam os próprios sobreviventes e seus descendentes, além de demais membros dos grupos vitimados, e opositores do nazi-fascismo.

De acordo com Roudinesco (2008, p. 139), a historiografia revisionista foi criada por Faurisson, Rassinger, Thion, e propagada pela revista *Vieille Taupe*. Aclamavam seu direito à liberdade de expressão para poderem dizer o que bem quiserem sobre o Holocausto. Vidal-Naquet (1988) a eles se referem já no título de sua obra como *os assassinos da memória*, uma vez que buscam negar a existência das câmaras de gás, tentando apagar os vestígios da matança. Vidal-Naquet, que

viu seus pais serem deportados, apresenta um estudo com detalhado registro de manifestações revisionistas, com inúmeras fontes e provas documentais das argumentações propaladas por Faurisson e outros expoentes do revisionismo e negacionismo do Holocausto ao longo de anos.

O esquecimento pode dar margem à negação e à distorção da magnitude do mal perpetrado na barbárie do século XX. Por isso, os sobreviventes escrevem - para que não se esqueça. Wiesel (1984) redobra as forças para superar as dificuldades de relatar as atrocidades vividas, e manter seu compromisso para com os mortos, de transmitir a história de seu desaparecimento, ainda que incomode as pessoas trazer à tona a maldade vivida nos campos de concentração, que muitos evitam lembrar para não ter que parar para pensar - conforme assim optou por fazer, declarou, anos depois, Theresa Stangl, esposa do comandante do campo de concentração de Treblinka (TODOROV, 1995).

A incredulidade é proporcional à magnitude do mal perpetrado pelo homem sobre outros homens. Em 1945, as palavras do General Dwight David Eisenhower para que se documentasse o maior número de provas possível, via filmes e fotos, já eram ditas porque, caso assim não o fizessem, o mundo não acreditaria que o Holocausto havia existido. Sobreviventes relatam soldados nazistas no fim da guerra antevendo o futuro de incredulidade que esperava as vítimas.

Assim aconteceu com Simon Wiesenthal no campo de concentração de Lwow, em setembro de 1944. Quando perguntado pelo SS *Rottenführer* (cabo) Merz, se contaria no exterior como eram os campos de concentração nazistas e o que acontecia aos judeus por lá, recebeu como resposta:

“- Você diria a verdade ao povo dos Estados Unidos. Está certo. Mas sabe o que aconteceria, Wiesenthal?
Ele se levantou lentamente, olhou para mim e sorriu:
- Ninguém acreditaria em você. Eles diriam que você está louco. Seriam até mesmo capazes de metê-lo num manicômio. Como pode alguém acreditar nessa horrível história, a menos que a tenha vivido?” (WIESENTHAL, 1967, p. 309).

Primo Levi alude às recordações de Simon Wiesenthal quanto ao cinismo dos SS, rindo ao avisarem do futuro descrédito aos sobreviventes:

“Seja qual for o fim desta guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas junto com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão

que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos *Lager*” (WIESENTHAL apud LEVI, 1990, p. 1, grifo nosso).

De fato, foi o que já vinha acontecendo com o sobrevivente Bruno Bettelheim que, desde 1940, nos EUA, tentava alertar ao mundo em suas palestras do que estava acontecendo aos judeus na Europa e não era ouvido nem acreditado.

“Naquela época, nada se sabia nos Estados Unidos sobre os campos, e a minha história foi recebida com total descrença. Antes de os Estados Unidos entrarem na guerra, as pessoas não desejavam acreditar que os alemães pudessem fazer aquelas coisas horrendas. Fui acusado de estar sendo levado pelo meu ódio aos nazistas, de sofrer de distorções paranoides. Fui avisado para não espalhar tais mentiras. Fui censurado por razões opostas, ao mesmo tempo: de que eu pintava a SS demasiadamente negra; e de que eu lhes dera demasiado crédito como se eles fossem inteligentes o suficiente para armar e sistematicamente executar tal sistema diabólico, quando todos sabiam que eles eram nada mais do que loucos estúpidos” (BETTELHEIM, 1989, p. 26).

Os algozes estavam conscientes da desmesura do mal por eles praticado e apostavam na incredulidade daqueles dali distanciados por ser difícil de conceber tamanha transgressão dos limites do trato do homem civilizado, moderno, ilustrado. No entanto, a sociedade burocratizada, militarizada e hierarquizada, dotando de poder o imediatamente superior, numa escala social formalizada legalmente, mostrou no nazi-fascismo que o mal não tem limites, quando liberado em sua possibilidade de expressão, e tornando-se mesmo um dever ideológico, sujeito a privilégios quanto maior o seu requinte. Mas, a limpeza social proposta pela eugenia nazista primava por não deixar vestígios dessa maldade levada a extremos, e, para tanto, organizava-se mesmo durante suas execuções: a memória da matança deveria ser substituída por sua justificativa, e seus vestígios eliminados.

Assim, o nazismo matava não só a vítima, mas também a testemunha da matança – os *Sonderkommando*, responsáveis pela eliminação dos corpos nos fornos crematórios, que tinham uma meia-vida de seis meses, após os quais eram mortos e substituídos. Roudinesco nos mostra o quanto ao praticar a renegação de suas ações os nazistas se deliciavam perversamente com seu discurso escapista frente a qualquer responsabilidade moral para com as vítimas, mas com toda a fidelidade à ideologia e ao Estado nazista ao qual obedeciam – inclusive quanto ao

apagamento de vestígios do segredo - das matanças em caráter industrial. Ressalta que Hitler, em seu testamento, deixa sua mensagem final num discurso cheio de inversões, culpabilizando dos judeus como responsáveis pela deflagração da guerra e pela derrota alemã, e afirmando que “todas as vítimas da Solução Final eram, na realidade, os verdadeiros artífices do crime contra a humanidade que tentavam imputar aos nazistas” (ROUDINESCO, 2008, p. 138).

Os revisionistas tentam argumentar que as vítimas, notadamente os judeus, aumentam em suas narrativas acerca do suposto mal vivenciado. Valem-se da dificuldade de se imaginar o mal perpetrado naquela escala para tentarem provar que o Holocausto não aconteceu – pelo menos não na proporção narrada pelas vítimas, pois, como desdenhou diretamente um ex-SS à judia berlinense Ruth A., uma vez que ela sobreviveu aos campos, a vida lá não devia ser tão ruim assim... (POLLAK, 1990, p. 126).

A postura negacionista é retraumatizante, por trazer a denegação como estratégia e objetivo, anulando a dor e a realidade de milhões de seres humanos, como é sentido pelo sobrevivente Samuel Rozenberg: “Meu pai perdeu dois irmãos, minha mãe cinco, com cônjuges e filho. E ainda tentam negar o Holocausto” (ROZENBERG, 2004, p. 45).

Na década de 1990, entrevistando sobreviventes do Holocausto, encontramos falas de tristeza diante do negacionismo do Holocausto, como ilustra o polonês Chaim Najman: “[...] já me perguntei para que sobreviver? Para escutar uns canalhas dizerem que tudo isso é mentira? Não vale a pena” (NAJMAN apud LEVY, 2014, p. 95).

Em 31 de agosto de 2015, visitamos outra entrevistada nossa, a iugoslava Maria Yefremov, que hoje, já com 101 anos de idade, diz não temer os grupos revisionistas e negacionistas, e simplesmente reafirma: “Eles mentem. Estão errados. Se duvidam, que venham falar comigo. Mas nós, sobreviventes, estamos morrendo, e as pessoas precisam continuar a lembrar do que aconteceu no Holocausto” (informação verbal).

Para a sobrevivente Betty Herscovici, nascida na Bessarábia, e residente em São Paulo, “os que tapam o sol com a peneira, tentando esquecer o passado, ignoram o presente furtando-se às responsabilidades... O negacionismo que está sempre presente protegendo os algozes, nada mais é do que o reflexo do ocorrido” (HERSCOVICI; CASTRO, 2014, p.45).

Elie Wiesel prefere nem nominar os revisionistas para não lhes dar cartaz. No entanto, não há como não denunciá-los.

“A mentira sobre Auschwitz, A fraude do século, A verdade sobre o Holocausto: eis alguns de seus títulos. Eles organizam seminários e palestras nacionais e internacionais para “demonstrar” que as câmaras de gás nunca existiram, que não houve “solução final”, que os judeus inventaram sua própria tragédia – eu ia dizer sua própria morte – para extorquir lágrimas e dinheiro das nações assim inculpadas.

O que dizer? Como dizer? Não se responde à vulgaridade, não se discute com a fealdade. Continua-se seu caminho, prossegue-se a narrativa” (WIESEL, 1984, p. 92, grifos do autor).

Para Wiesel, a forma de combatê-los continua sendo a lembrança, o continuar a contar, a pormenorizar a respeito da *Shoah*. Respirar e tomar fôlego para combater a mentira com mais detalhes da verdade vivida, perpassando diversas vezes as dores:

“Cúmulo da ironia, cúmulo da tortura: os sobreviventes são constrangidos a mostrarem suas chagas, a dizerem coisas que, por pudor, alguns preferem calar; eles são obrigados a enfrentar acusadores indecentes que os privam de seu passado” (WIESEL, 1984, p. 93).

De fato, os encontros internacionais revisionistas continuam ao longo de décadas. Em setembro de 1979, reuniram-se em Los Angeles, num congresso anual, oferecendo um prêmio a quem oferecesse provas das câmaras de gás para matar os judeus. (VIDAL-NAQUET, 1988, p. 38-39). Em abril de 2015, o Hotel Grosvenor, em Londres, sediou o maior Congresso internacional de revisionismo já realizado no Reino Unido, reunindo militantes neonazistas de toda a Europa, Estados Unidos e Canadá, que insistiam em acusar os judeus de distorcerem a História (GRINBAUM, 2015, p. 20-21).

O *Jornal O Globo* de sexta-feira, 21 de agosto de 2015, traz uma reportagem sobre o ex-líder do partido de extrema-direita francês Frente Nacional, Jean-Marie Le Pen, que foi expulso do partido que fundou e do qual recebera o título de presidente vitalício. Isso porque suas declarações inúmeras vezes reafirmada de que as câmaras de gás nazistas foram “um detalhe da história” da Segunda Guerra Mundial não contribuiu positivamente para a imagem do partido, que tenta hoje se livrar da reputação de antissemita, advinda dos inúmeros comentários públicos racistas e antissemitas de Le Pen. O excluído defendeu-se proclamando seu direito

à liberdade de expressão, e anunciando sua intenção de recorrer à justiça contra a sua expulsão.

Mesmo anos depois do fim o III *Reich*, a atitude negacionista promove um choque ao colocar em xeque a realidade vivida, negando sua ocorrência. Isso avilta aqueles que vivenciaram a situação em questão, pois têm a sua própria história de vida colocada em suspeita. A vivência pessoal e grupal não ratificada sócio-historicamente promove um hiato entre os sujeitos e o mundo no qual estão inseridos. O presente trabalho constitui uma contribuição para a superação desse hiato.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **Sobrevivência e outros estudos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FAINGOLD, Reuven. Shoá: revisão ou negação: o mito dos seis milhões. **Morashá**, v. 71, abr. 2011. Disponível em: <[www. http://www.morasha.com.br/holocausto/revisao-ou-negacao-o-mito-dos-seis-milhoes.html#q=reuven faingold](http://www.morasha.com.br/holocausto/revisao-ou-negacao-o-mito-dos-seis-milhoes.html#q=reuven%20faingold) >. Acesso em: 5 jan. 2016.

GRINBAUM, Victor. A inesperada voz da razão. **Menorah**, Rio de Janeiro, n. 668, mai. p. 10-21, 2015.

HERSCOVICI, Betty; CASTRO, Malu. **Transnistria: o destino de uma sobrevivente do Holocausto**. São Paulo: Humanitas, 2014.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LEVY, Sofia. **Holocausto: vivência e retransmissão**. São Paulo: Perspectiva; Conib, 2014.

FALAS racistas fazem Frente Nacional expulsar fundador. **O Globo**, Rio de Janeiro, 21 ago. 2015. p. 29.

POLLAK, Michael. **L'expérience concentrationnaire**. Paris: Métailié, 1990.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

ROZENBERG, Samuel. **Codinome: Paul Allain: memórias de um sobrevivente do Holocausto**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; Garamond, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **Em face do extremo**. Campinas: Papirus, 1995.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os Assassinos da Memória**. São Paulo: Papirus, 1988.

WIESEL, Elie. **Palavras de estrangeiro**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

WIESENTHAL, Simon. **O caçador de nazistas**. Rio de Janeiro: Bloch, 1967.